

Crenças e percepção dos sujeitos: o Corpo Seco da cidade de Cambira (PR)

João Paulo Pacheco Rodrigues*

Compreender as peculiaridades e características socioculturais de uma determinada região tem se tornado um trabalho árduo para o historiador. Cidades, bairros e vilas são, sobretudo, lugares dinâmicos, onde está presente uma pluralidade de sujeitos e atores históricos. Além do olhar minucioso para as fronteiras geográficas, agrárias, simbólicas e religiosas, o pesquisador da temática de estudos regionais deve se ater às redes de sociabilidade construídas ao longo do tempo e fundidas nesses espaços. Sob essa ótica, este artigo¹ se propõe a compreender o processo de instituição de crenças, lendas e mitos na região norte do Paraná, pautado nos preceitos teóricos da história cultural (conceito de representação e prática) e metodológicos da história oral e imagética.

Durante o seu desenvolvimento histórico ao longo de seis décadas, os habitantes de Cambira,² cidade localizada na região norte do Paraná, desenvolveram um conjunto de crenças que influenciaram a sua vida cotidiana.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: joaopacheco2210@hotmail.com.

- 1 O referido estudo faz parte do projeto *História local: a educação patrimonial e o exercício da cidadania*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Sandra de Cássia Araujo Pelegrini nos anos de 2009 e 2010, financiado pela Secretaria de Estado da Tecnologia (SETI). A pesquisa tinha o objetivo de “fortalecer o intercâmbio de conhecimentos entre a Educação Básica Pública e o Ensino Superior” e promover a “popularização das atividades desenvolvidas no âmbito acadêmico”.
- 2 Cambira está localizada na região norte central do Paraná, a cerca de 300 km de Curitiba; a área que hoje forma o município fazia parte de Apucarana até o início da década de 1960, conforme a Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). Em 25 de janeiro de 1961, o município foi emancipado e adotou o nome atual, que faz referência a um cipó com flores lilases muito comum no local.

Diante de tal constante, cabe a nós, pesquisadores, questionar: como esse universo de crenças foi construído?

Essa indagação parece estar diretamente relacionada ao processo de ocupação da região, desenvolvido por meio do trabalho durante o final da década de 1940, com ação da Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná. Para Tomazi (2000), por meio da atuação dessa empresa imobiliária, grande parte de sua área foi sendo “reocupada”, mediante a plantação de extensos cafezais que substituíram a mata fechada. Depois, houve ainda a fundação de cidades e a implantação de ferrovias e rodovias.

Tal avanço se iniciou na cidade de Londrina, a partir de 1930, e persistiu até meados da década de 1950. Para France Luz (1999), a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná promovia a venda dos lotes rurais intensificando a propaganda em três aspectos. O primeiro sobre a fertilidade do solo, ou seja, a valorização da terra roxa, muito produtiva; o segundo chamava a atenção para as vantagens do pequeno e médio agricultor, que poderia adquirir pequenos lotes com preço mais acessível; por último, difundia-se a questão da versatilidade da produção, uma vez que a qualidade da terra tornava possível o cultivo de vários produtos, como o café, o algodão, cereais e hortaliças.

As crenças existentes na região de Cambira estão articuladas aos sentimentos que norteiam a maneira como os seres humanos convivem com acontecimentos de natureza estranha. Tidas como sobrenaturais, as histórias narradas se concretizam no medo e incerteza que geram para os moradores envolvidos ou para aqueles que narram e ouvem essas lendas.

Essas narrativas propiciaram a propagação de percepções místicas que oferecem solidez para a compreensão dos significados elaborados pelos sujeitos que vivem nesse lugar e a apreensão das maneiras como eles veem o mundo. Os depoimentos dos moradores do supracitado município denotam uma sensação de magia, aliada a inquietude, atributo intrínseco a todos aqueles que creem ou respeitam aquilo que eles consideram pertencente ao universo fantástico de Cambira.

O historiador Ed Carlos da Silva (2009) revela que a composição das formas de comunicação utilizadas (podemos incluir a internet, telefonia móvel e fixa) cooperou para a solidificação da estrutura dessas crenças, fundamentalmente as coletivas. O autor cita como aspectos fundamentais nesse processo: a criação de enredo simplificado, o espaço determinado nas histórias narradas, os personagens identificados ou misteriosos e o sentimento religioso, que essencialmente acompanham todas essas histórias.

Nesse âmbito, a vida religiosa dos moradores de Cambira pode ser considerada um fator precursor no desenvolvimento histórico dessas lendas. A luta entre as forças divinas e satânicas que se disseminou entre os católicos chegou à região ainda na sua gênese por volta do final da década de 1940 e início da de 1950. Reforçado pelo discurso do clero e das narrativas expressas em passagens bíblicas, esse conflito gera nos cidadãos cambirenses a convicção do combate entre as forças do “bem” e do “mal”. Na esfera do fantástico, trata-se de um vínculo misterioso, mas tomado como natural pelas suas crenças.

Assunto comum entre os habitantes, as lendas³ sobre seres fantásticos eram corriqueiras nos diálogos em grupos, missas, cultos e novenas católicas no início do processo de ocupação da região. A conversa sobre esses acontecimentos ajudava a disseminar a certeza alimentada pelas pessoas quanto à veracidade dos casos contados. De acordo com a literatura, a proeminência da relação entre seres humanos e seres sobrenaturais foi explorada por religiosos. Silva (2009), por exemplo, afirma que muitos clérigos notaram a oportunidade de tirar proveito dos temores que produziam nos cristãos em benefício da causa que serviam entre os membros da igreja, enquanto Priore (2000) ressalta que essa era uma prática antiga comum entre os clérigos católicos e lembra que Santo Agostinho era

[...] admirador dessas curiosidades maravilhosas da natureza, exaustivamente inventariadas pelos autores latinos. Subtraindo às raças de monstros o estatuto de realidade, que na tradição clássica era realmente o seu ponto, fazendo de sua existência algo de provável e de incompreensível, ele as tornava maravilhosas ao mesmo tempo em que as integrava ao sistema de representações exigido pela Bíblia. A hesitação do texto agostiniano é, quanto a isso, característica: é preciso acreditar nessas raças não porque os autores antigos as mencionassem, mas porque a crença em sua existência ajudava a compreender os nascimentos monstruosos. (Priore, 2000, p. 25).

Como explica a autora, a dúvida quanto ao sobrenatural, se existia, já era suficiente para que os fiéis respeitassem os preceitos divinos, pois:

3 Devemos estar atentos ao fato de que nenhuma história narrada é contada de forma única e idêntica e, como ressalta Portelli (2004), o momento da vida em que essa história é narrada é crucial para a sua interpretação. Segundo o autor, a relação dinâmica entre o historiador e a fonte ocasiona uma forma nova de contar histórias, cujo resultado final é a preservação de um discurso transcrito e salvaguardado.

Os monstros seriam criações estranhas da natureza e de Deus. Limitando, pois, a crença a certo nível de realidade, Agostinho abria as portas para a admiração diante das maravilhas incompreensíveis da Criação. Ele situava o monstro no espaço terrestre, ainda que os preparassem para que se tornassem fabulosos. (Priore, 2000, p. 25).

Por essa via observamos como no processo de solidificação das crenças, na tentativa de legitimá-la, em geral, são utilizados alguns artifícios produzidos ao longo do tempo e cuja essência visa a sua institucionalização por meio de discursos dentre os quais se destaca a objetividade da fala aliada às expressões gestuais – característica fundamental para se oferecer materialidade e “veracidade” aos eventos narrados, incorporados à memória coletiva.

Silva expõe:

O desenvolvimento das crenças contribuiu para a consolidação de um universo mágico. Sua razão consiste em um legado valioso para a preservação da memória coletiva. O diálogo sobre fenômenos sobre-humanos, operado pelos moradores a respeito dos eventos ocorridos, sobrevive efetivamente nas práticas da comunidade, perpetuado nas representações dos primeiros moradores e, agora, nas representações dos jovens. (Silva, 2009, p. 25).

As lendas pertencentes a Cambira têm sua própria história e encontram terreno fértil entre os municípios que as tomam com seriedade e as preservam porque nelas creem. Dessa forma, são propagadas determinadas práticas que influenciam a maneira como eles convivem com o fantástico, e, talvez, a principal delas esteja relacionada ao processo de apropriação dos seus significados pelas gerações que se sucedem.

Esse processo é justificável pelo fato de que as crenças fazem parte de um conjunto de elementos presentes no cotidiano dos habitantes que atua sobre os indivíduos de todas as faixas de idade. As crenças de Cambira têm nessa dinâmica os elementos que dão subsídios à sua prosperidade. Para compreendermos o conjunto de crenças e de que modo ele colaborou para o desenvolvimento das percepções que estruturaram seu universo, consideramos necessário retomar aqui uma reflexão sobre as representações coletivas na medida em que membros da comunidade se tornam parte integrante de tais histórias.

Assim, as representações desses temas fascinantes apresentam aspectos que são peculiares a esse meio. Em *A história cultural: entre práticas e*

representações, o historiador Roger Chartier (1990) pontua o conceito de representação como a maneira como o indivíduo ou uma comunidade podem se apropriar de uma determinada prática cultural e dessa prática emergirem novas práticas culturais. Por conseguinte, a representação é vista como o “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente” (Chartier, 1990, p. 21).

De acordo com Chartier :

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (linguísticos, conceituais, afetivos) comanda modos de pensar e de sentir [...], por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural. (Chartier, 2002, p. 31).

Para Chartier, as representações coletivas podem ser consideradas um conjunto de bases responsáveis pela sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social: “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos” (Chartier, 2002, p. 11).

Além disso, entendo que:

As representações coletivas originadas no espaço comunitário expressam efetivamente a forma como a população da Vila se reconhece e se aceita. As representações caracterizam a forma como a comunidade se pensa, se percebe e se aceita. Também demonstram como suas crenças coletivas foram desenvolvidas historicamente. Os indivíduos concebem o imaterial a sua maneira, distante das considerações científicas sobre o tema. Seu entendimento a respeito das crenças é o resultado da compreensão das instituições manifestadas no local onde residem. (Silva, 2009, p. 31).

A partir do momento que uma determinada comunidade se apropria de uma prática cultural, ela, de acordo com o seu meio, analisa, interpreta e reinventa, aplicando-a em seu cotidiano, que é compartilhado com outras pessoas, que se aproximam por buscar os mesmos interesses.

Sob essa ótica, podemos constatar, nos depoimentos da população cambireense, a existência de um conjunto de lendas e mitos construídos e impregnados, desde a formação da cidade, de uma multiplicidade de elementos mágicos, cujo intuito era propagar o medo, essencialmente o medo

do desconhecido. Essa compreensão é evidenciada na referência à lenda do Corpo Seco,⁴ narrada por Wilson Bráuzio da Silva, 52 anos:⁵

Ah, esse Corpo Seco aí é da fazenda Ubatuba, né, que o cara acha que fez uma promessa que se ele ficasse rico ele ia em Aparecida do Norte a pé, né, mas aí ele ficou rico e foi de avião e foi aonde que virou esse negócio de Corpo Seco que a turma fala, né. Teve uma época aí que os parentes queria pagar um dinheiro pra levar ele, o Corpo Seco, nas costas aqui, né, aqui da fazenda até Aparecida do Norte, mas não achou ninguém pra levar, não. Eu num sou bobo de se soltar lá beirando o mato da fazenda lá à noite, eu saio correndo de medo, vai que ele aparece. (Wilson Bráuzio da Silva, 2009).

Ainda sobre o processo de legitimação de universo das crenças, Silva (2009) expõe que o apreço aos elementos simbólicos pode ser considerado um fator determinante para a sua institucionalização perante um grupo ou comunidade. As narrativas imbricadas de mistério e suspense sem grandes mudanças favorecem a salvaguarda de memórias repletas de magia. As histórias sobre assombrações, expostas pelos habitantes cambirenses, avigoram o sentimento em relação ao fantástico que, na percepção deles, está sempre próximo do “real” (do palpável) e inserido no dia a dia dos moradores do município. As crenças fazem parte da ordem social vigente, pois agem e interferem sobre ela. Ao analisar as lendas de Cambira, torna-se necessário atentar-se aos personagens emergentes nas representações desses habitantes. Para isso, recorreremos à literatura⁶ que lida com personagens fantásticos e nos auxilia a compreender a constituição de elementos essenciais na trama lendária.

Divindades, demônios e outras criaturas maravilhosas fazem parte de um vasto conjunto de elementos relacionados principalmente à cultura religiosa

4 Cumprir lembrar que a lenda do Corpo Seco se tornou popular também em outras cidades paranaenses. Carneiro Júnior (2005) revela que em Palmeira e Pontal do Paraná a lenda é cercada por mistérios sobrenaturais tendo como pano de fundo o caráter duvidoso de um homem que, após a sua morte, aparece na forma de um zumbi na zona rural desses municípios.

5 Wilson Bráuzio da Silva, nascido em 1958 na cidade de Cambira.

6 Tzvetan Todorov (1970) compreende “literatura fantástica” como o conjunto de narrativas literárias de ficção que, por ora, apresentam personagens, símbolos e elementos inexistentes perante a ciência, como, por exemplo, as divindades, demônios, aberrações e mutantes.

do catolicismo popular que foram incorporados e assim “regionalizados”⁷ pela comunidade local.

Para Roy Willis (2007), os seres sobrenaturais são uma projeção dos medos mais profundos dos humanos, corporificados em diversas formas, como dragões, monstros, gigantes, criaturas semi-humanas – um exemplo é figura da Pisadeira,⁸ lenda popular no interior de São Paulo e Minas Gerais.

Na literatura que lida com o fantástico, o medo é sensação corriqueira no enredo, e Priore (2000) relaciona esse sentimento com um artifício para chamar a atenção dos leitores, o que influi consideravelmente nas diversas camadas da sociedade. A autora considera que:

Para aqueles que pertenciam às classes subalternas, a presença de tais monstros era lida e decodificada como um castigo ou advertência. Para as elites letradas, porém, renitentes à chegada da mecanização do mundo e à laicização, significava uma ‘salutífera prova’ de que, naqueles tempos, a física podia ser sinônima de magia natural. (Priore, 2000, p. 118).

O ser humano, mesmo mantendo fascínio pelo tema, continua alimentando sua mente com formulações que resultam na elaboração de novas crenças. Suas propostas oferecem sustentabilidade às crenças que pensam o incomum a partir de sua realidade concreta.

Um componente essencial no campo do mundo sobrenatural está associado à relação entre homem e natureza. Segundo Eliade (1992), o fascínio do homem crente pela natureza se explica por esta conter uma diversidade de significados relacionados ao desconhecido.

Silva (2009) elucida que o enlevo do homem religioso sobre a natureza é compreendido por esse ambiente apresentar na sua estética traços religiosos estabelecidos em um passado distante. A natureza quase intocável acarretou uma complexidade de elementos que contribuiu para despertar desconfiança no ser humano. Assim, a sacralização atribuída ao mundo natural, no qual compreendemos a flora e a fauna, permeou a mente humana numa dualidade

7 O termo *regionalizado* se refere ao aspecto de dar caráter local a uma lenda universal, condensando determinados elementos europeus com os nacionais.

8 De acordo com Câmara Cascudo (2002), a Pisadeira seria uma mulher magra, alta, com dedos compridos e olhos vermelhos que atacaria as pessoas após as suas refeições, golpeando-as na barriga até a vítima ficar em estado de paralisia. Essa lenda foi muito difundida pelo fato das pessoas terem sonhos desagradáveis após uma refeição pesada.

de sentidos (apreço e pavor, temor e curiosidade) a ponto de transformar esse espaço em lugar místico e sagrado.

A crença em um mundo natural, repleto de seres sobrenaturais, levou muitas pessoas a adotarem algumas medidas de precaução, evitando se locomover em regiões cercadas por uma vegetação intensa ou ainda atentar ao passar em determinados lugares, compreendidos como espantosos. O depoimento de Wilson Melo da Silva, 32 anos, evidencia isso:⁹ “Eu já passei lá¹⁰ várias vezes, mas só que de dia, né, porque de noite não dá pra arriscar” (Wilson Melo da Silva, 2009).

Aos enigmas que o mundo natural conservou imperceptíveis foram acrescentados elementos conexos a lugares ainda nativos, centrados em personagens encantados. Assim, muitas das manifestações habituais da fauna passaram a ser compreendidas como expressões fantásticas. O simples asso-bio de uma ave ou o barulho produzido por outros animais poderiam ser entendidos como a expressão de um ser mágico. Todos esses aspectos levaram à produção de lendas em diferentes espaços de convívio, como as das cidades de Califórnia, Faxinal e Lidianópolis, localizadas na região norte do Paraná.

Em 2005, o historiador Renato Augusto Carneiro publicou a obra *Lendas e contos populares do Paraná*. O livro teve o apoio da Secretaria de Educação do Paraná e nele Carneiro apresentou um mapeamento de diversas histórias fantásticas no estado. Na obra, o autor apresenta a história de Cecília, natural de Califórnia,¹¹ popularmente chamada de a Deusa da Estrada: era uma linda jovem, de cabelos negros e longos, pele clara e aveludada, igual a uma rosa, alegre e apaixonada pela vida e pelo primeiro amor. Em sua primeira desilusão amorosa teria saído para afogar as mágoas e tristezas com seus amigos. O lugar era lindo, maravilhoso. A jovem teria perdido a vida ao lado dos seus amigos numa represa, enroscando-se num galho no fundo das águas. Passados muitos anos, um caminhoneiro, ao cruzar a BR-376, no sentido Califórnia-Curitiba, teria visto uma jovem pedindo carona, próximo ao local daquele acontecido. Sem saber do fato ocorrido, o caminhoneiro deu carona a ela. Ela solicitou que ele voltasse para a cidade onde residia e fosse ao cemitério fazer uma oração em determinado túmulo. O caminhoneiro ficou assustado e, antes

9 Wilson Melo da Silva, natural de Cambira, nascido em 1978.

10 Estrada Ubatuba, BR-444, onde está localizado o túmulo do Corpo Seco.

11 Califórnia é um município do Paraná, localizado na região oeste do estado, a uma distância de 344 km da capital Curitiba.

que respondesse, a jovem desapareceu. O caminhoneiro, porém, atendeu ao pedido da moça. Chegando ao cemitério, avistou a foto dela na lápide, reconhecendo-a imediatamente. Em Califórnia, o túmulo de Cecília¹² se encontra no cemitério municipal, na entrada da cidade, e muitos moradores acreditam que a jovem desvia os motoristas de algum acidente que está por vir.

Na supracitada obra, Carneiro Júnior (2005) traz à luz também lendas que envolvem os aspectos geográficos do estado. O historiador conta que em Lidianópolis¹³ existe uma crença que explica por que o rio Ivaí é torto, com tantas curvas e com formato de uma ferradura. Contam os moradores locais que certa vez um ser divino pediu a uma mulher que ela seguisse em frente, pela margem do rio Ivaí, sem olhar para trás. Ela não cumpriu o combinado e a curva do rio representa, então, uma “olhadinha” da mulher.

Nas histórias aqui abordadas, percebemos a existência de aspectos referentes ao folclore brasileiro, articulados a partir de elementos da fauna e da flora. Essa relação pode ser compreendida como fruto do contato entre o europeu, o índio e o negro no período colonial do Brasil. Além disso, lugares desconhecidos como as florestas desde muito tempo tornaram-se espaços propícios para a criação de fábulas sobre os seres mágicos.

Em síntese, as crenças explanadas pela população apresentam elementos sobrenaturais, divinos, místicos e referentes ao folclore nacional e ao catolicismo, religião difundida oficialmente no Brasil, como podemos constatar na lenda do Corpo Seco.

A lenda do Corpo Seco

É, tem sim a lenda do Corpo Seco da fazenda Ubatuba. É... antigamente esse dono da fazenda Ubatuba, ele... diz que ele estava indo pagar uma promessa em Aparecida do Norte, aí, no meio da viagem, passando numa ponte lá, ele se acidentou e morreu, diz que caíram de cima da ponte, né, aí agora diz o pessoal de antigamente que quando você passava de frente lá, na onde que tem o túmulo dele, onde foi enterrado – é beirando a rodovia

12 A passagem já foi exibida no programa da Rede Globo/RPC, Casos e Causos, no dia 1º/03/2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BmuK4KGrKgc>>.

13 Lidianópolis é um município do Paraná localizado na região centro-oeste do estado, a 280 km da capital Curitiba.

lá, né... isso é dentro da fazenda mesmo. E o pessoal diz que à noite, quando o pessoal ia passando de caminhão, diz que correndo, assim, daqui a pouco batia no vidro, assim, pendurado, o Corpo Seco no vidro, pedindo uma carona pra Aparecida do Norte, aí diz que ele pegava a carona e hora que chegava perto da ponte lá, onde ele caiu, diz que ele sumia de dentro da cabine. (Wilson Melo da Silva, 2009).

O relato de Wilson Melo da Silva, cambirense, nascido em 1978, mostra-nos como muitos moradores da região convivem com o universo místico da cidade. A lenda do Corpo Seco pode ser considerada a mais recorrente entre a população de Cambira, e no seu enredo estão presentes elementos do catolicismo popular, como a promessa realizada a Nossa Senhora Aparecida, santa padroeira do Brasil. Além disso, o mistério da vida pós-morte, o medo do sobrenatural e aspectos da fauna e da flora presentes no espaço em que o corpo do senhor Schindler,¹⁴ denominado Corpo Seco, está sepultado.

A fazenda Ubatuba, palco das “aparições” do Corpo Seco, encontra-se na BR-444 (nos limites entre Cambira e Apucarana),¹⁵ no bairro Itacolomi. Durante as décadas de 1960 e 1970, a estrada onde se encontra o cemitério da família Schindler foi o único trajeto para o transporte de toda a produção das fazendas ao redor.

O percurso para chegar até local é impregnado de elementos que, para um crente do universo mágico, funcionariam como uma alavanca para impulsionar os anseios. Logo na entrada da fazenda Ubatuba é possível ver um cruzeiro – o símbolo se encontra à beira da estrada –, e qualquer viajante, ao passar pela rodovia do lado, pode avistá-lo.

A cruz, símbolo do Cristo crucificado preservado na memória dos entrevistados, faz parte do espaço onde foi inserida na década de 1960. Ao longo dos anos se tornou um símbolo indissociável do local, sendo raramente cabível que se faça referência à fazenda Ubatuba sem mencioná-la.

Sobre o simbolismo que a cruz exerce, Eliade (1991) expõe que nele são impregnadas conotações na tentativa de se legitimar o laço entre o universo e o céu, também servindo de elo para o homem cristão:

14 Os Schindler imigraram de Hamburgo, na Alemanha, na década de 1940, após o final da Segunda Guerra Mundial. Em Apucarana, fundaram a fazenda Ubatuba, que até a geada de 1975 foi uma das principais produtoras de café da região (Capelotto, 1998).

15 Apucarana está localizada na região norte central do Paraná, a cerca de 369 km de Curitiba.

A Cruz, feita da madeira da Árvore do Bem e do Mal, substituíu a Árvore Cósmica; o próprio Cristo é descrito como uma Árvore (Orígenes). Uma homilia do pseudo-Crisóstomo evoca a cruz como uma árvore que sobe da terra aos céus [...] Foi como símbolo do Centro do Mundo que a Cruz foi assimilada à Arvore Cósmica. É a prova de que a Imagem do Centro se impunha naturalmente ao espírito cristão. É por meio da Cruz (=Centro) que se realiza a comunicação com o Céu e que, ao mesmo tempo, o Universo inteiro é 'salvo'. (Eliade, 1991, p. 157-158).

Esse pode ser considerado um fator essencial para a difusão da lenda no imaginário popular cambirense, capaz de despertar a curiosidade de quem trafega pela rodovia e o medo de quem o avista o símbolo. Pois a cruz já se instituiu no universo ocidental muito mais como algo que representa a dor ou o suplício do que um meio para a humanidade alcançar a redenção, a salvação de sua alma. A morte de Ervin Schindler, que supostamente seria o Corpo Seco, ocorrida na década de 1950, foi veiculada como história em consequência dos significados atribuídos pelos habitantes a partir desse símbolo da cristandade romana.

Quando os habitantes passam pelo local, deparam-se com uma paisagem que reproduz um cenário peculiar, capaz de gerar sensações inesperadas. A distância da mata determina o trajeto de espanto, no entanto, o pico de desconforto é distinguido no ponto onde está localizado o monumento sacro. O desconforto desse elemento propiciou um conjunto de acontecimentos aterrorizantes. Essa dinâmica de condutas problematiza o vigor dos sentimentos sobre o fascínio, fruto da instituição e da edificação das representações entre os cambirenses.

Atrás do marco e tomado pela folhagem coberta de árvores como figueiras, pingos-de-ouro e cidreira estão localizadas quatro sepulturas que em comum têm o sobrenome da família Schindler. As inscrições nos revelam que o primeiro corpo foi sepultado no ano de 1953 e o último, no ano 2000. Nas entrevistas esse aspecto também foi mencionado: “O sepultamento dele é lá no cemitério da fazenda mesmo, tá até hoje lá; tem o túmulo dele lá, já vendeu a fazenda mas pediram pra conservar o cemitério do casal, o marido e a esposa” (Wilson Bráuzio da Silva, 2009).

O local é afastado do perímetro urbano do município e cercado por uma vegetação bruta. Além disso, funciona como o único cemitério particular da região. Esses aspectos fazem o imaginário popular desabrochar um

complexo grupo de perguntas e respostas em busca de compreender o mundo fantástico ali representado.

Nas três figuras abaixo podemos observar o palco e enredo dessas representações.

Figura 1 – Entrada da fazenda Ubatuba
(foto de Raoni de Assis, tirada em 2010)



Cumprе atentar que, como qualquer outra fonte, a fotografia deve ser questionada, analisada e confrontada. Nesta pesquisa entende-se que, para o historiador “[...] utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades” (Burke, 2004, p. 18).

Fundamentalmente, é preciso considerar que ela em si não é neutra: a fotografia fala, tem um discurso que deve ser visto e revisto dentro do contexto em que foi produzida. Conforme aponta Burke (2004), as imagens interessam ao historiador tanto pelo que deixam transparecer quanto pelo que omitem. No caso, a combinação de fatores, a exemplo do monumento cristão construído no local, do espaço adornado por uma vegetação densa, do episódio da morte, produziu o espaço natural apropriado pelos seres fantásticos e determinou as bases para a caracterização do ambiente que compreende a fazenda Ubatuba.

Figura 2 – Cemitério da família Schindler, fazenda Ubatuba
(foto de João Paulo P. Rodrigues, tirada em 2010)



Pode-se supor que o nome do Corpo Seco seria Ervin Schindler porque no túmulo dele consta como data de óbito o dia 20 de setembro de 1953, e durante as entrevistas alguns depoentes chegaram a afirmar que conheciam a lenda há mais de quarenta anos:

Ah, faz mais de quarenta anos que eu ouvi falar disso aí, e eles estão... o sepultamento dele é lá no cemitério da fazenda mesmo, tá até hoje lá; tem o túmulo dele lá, já vendeu a fazenda, mas pediram pra conservar o cemitério do casal, o marido e a esposa. (Wilson Bráuzio da Silva, 2009).

Figura 3 – Cruzeiro da fazenda Ubatuba
(foto de Raoni de Assis, tirada em 2010)



Como uma crença coletiva, as impressões de pavor e medo que ela produz dão origem a uma dinâmica do enredo e das representações construídas em decorrência dela, aspecto comprovado pelo autor desta pesquisa, que, ao se aproximar da fazenda Ubatuba, foi alertado pelos agricultores que trabalhavam nas redondezas do perigo do Corpo Seco. Em tom sarcástico, afirmavam que era melhor não se dirigir ao local, pois o Esqueleto¹⁶ poderia aparecer.

Essa apreensão é evidenciada também na fala do depoente Reginaldo Verri, de 29 anos, que afirma não crer na história, porém não duvida e não a questiona:

Eu tenho alguns amigos meus que já passaram por alguma experiência nesse trajeto pela fazenda Ubatuba mesmo... passando ali, por essa estrada

16 O Corpo Seco também pode ser chamado de Esqueleto.

que corta a caixa São Pedro... que passou algum... é, digamos experiências paranormais ou que uma coisa assim que deixou muito assustado, arrepiado. (Reginaldo Verri Silva, 2009).

Ainda que ocorram algumas discordâncias nos depoimentos (como a causa da morte, o período em que sucedeu o acontecimento) acerca da lenda referida e a confusão de nomes e datas, os pontos comuns (o lugar, os personagens, o temor perante o sujeito) validam o acontecimento fundador, como veremos nos relatos abaixo, nos quais podemos constatar essa nuance e o sentimento que a comunidade cambirense desenvolve sobre eles. Conta Simone Aparecida Miranda, de 27 anos:

O que eu sei, o que eu ouvi falar, é que o dono, ele fez uma promessa e não conseguiu cumprir, prometeu o corpo dele, uma coisa assim, a alma dele, e não conseguiu cumprir, e quem passa ali não consegue passar naquele local... É o que eu sei... Conheço gente que fala que passa ali de bicicleta e sente a bicicleta pesada ou está de o pé e arrepiando o corpo, assim é o que eu ouvi falar. (Simone Aparecida Miranda, 2009).

Tal aspecto também pode ser confirmado na fala do cambirense Reginaldo Verri:

É, uma lenda bem tradicional aqui da região fala desse Corpo Seco, eles falam que é um Corpo Seco, mas é um rapaz, é uma alma que aparece pedindo carona, que pede ajuda para chegar até Aparecida do Norte, é o que o pessoal comenta, ele fez uma promessa e não conseguiu cumprir e nisso ele vem pedindo ajuda até que alguém leve ele até Aparecida do Norte. (Reginaldo Verri Silva, 2009).

O personagem que produz espanto é definido e caracterizado por qualidades que solidificaram a sua materialidade. Embora percebamos a existência de símbolos como o cruzeiro e os túmulos da família Schindler, o Corpo Seco é peça central da lenda, que desencadeou as narrativas que simbolizam o local onde ele atua. O Esqueleto é ostentado de forma dinâmica e, por isso, suas assombrações demonstram a versatilidade quanto às formas como se manifesta. Daí a existência de sensações como o pavor, o temor, o medo e o fascínio.

No imaginário popular, essa crença é referência própria do município de Cambira; no livro homônimo de Narciso Capelotto (1998), custeado e patrocinado pela municipalidade e pelo governo estadual, o memorialista menciona o Corpo Seco como mito da cidade, e esse pode ser considerado mais um aspecto que evidencia a força que a lenda exerceu e exerce no território cambirense.

Existiu um fazendeiro muito rico, que estava muito doente, doença esta que o deixou muito magro. Ele fez uma promessa a Nossa Senhora Aparecida que, se sarasse, iria até o seu Santuário em Aparecida carregado por quem quisesse para render graças e cumprir o prometido e que pagaria uma fortuna para quem quisesse levá-lo a pé, numa rede, pois não podia andar. Dois homens se comprometeram a levar o fazendeiro e no dia da saída colocaram-no numa rede, receberam a quantia prometida e seguiram estrada afora. Chegando à estrada ao lado da Mata, eles perceberam que o homem estava morto e resolveram deixar a “encomenda” dentro da mata e fugiram com o dinheiro. Foi o que fizeram e nunca mais apareceram. Hoje corre a lenda que o Corpo Seco aparece para as pessoas pedindo para levá-lo até Aparecida do Norte. De todos que o viram, ninguém teve a coragem de satisfazer o pedido do esqueleto. (Capelotto, 1998, p.58).

Apontamentos

Podemos compreender que o imaginário popular de Cambira é regido por um conjunto de crenças coletivas, enraizadas em elementos sobrenaturais. Nesse âmbito, os acontecimentos mágicos, formados por personagens místicos, ocupam lugar singular nas suas narrativas, nas quais se torna possível considerar que as representações delegadas pela comunidade a esses personagens possam revelar alguns aspectos relativos à sua própria realidade.

As crenças do universo fantástico de Cambira ganharam força por meio de um conjunto de fatores, entre os quais cabe mencionar o compromisso com o divino, o medo do sobrenatural, a cultura brasileira referenciada no folclore nacional e elementos agregados da fauna e da flora, que persistem no imaginário popular cambirense.

A lenda, apropriada de geração em geração, disseminou entre a população sentimentos de medo, angústia e pavor, alicerçados no fascínio e na

curiosidade pelo desconhecido. Na tentativa de legitimá-la, a própria população local tende a reforçá-la por meio de expressões gestuais, objetividade da fala, recursos que oferecem materialidade e “veracidade” aos eventos narrados. Ainda que muitos entrevistados nunca tenham admitido qualquer fenômeno que comprove a existência do ser fantasmagórico Corpo Seco, é perceptível a vigorosa influência que ele exerceu na comunidade.

Alguns afirmam com convicção que as aparições só ocorrem naquele lugar, algo que o distingue de outros municípios. Sua conservação tem nas práticas cotidianas e na transmissão oral a sua fonte de energização, fato comprovado nos sentimentos e atitudes dos cambirenses durante a realização deste estudo.

Cabe ressaltar que os embates entre a história e a memória constituem um impasse que acompanha os pesquisadores da área das ciências humanas desde longa data. Pelegrini e Delmonico, embasados nos pressupostos teóricos de Jacques Le Goff (2003), asseveram que a memória estabelece um “vínculo entre as gerações humanas e o tempo histórico que as acompanha”, fazendo um paralelo entre a “memória individual e coletiva” (Pelegrini; Delmonico, 2009, p. 4.315).

Sob esse prisma, Le Goff (2003) pondera que a memória é “mítica, deformada e anacrônica”. Mítica pois ela pode ser inventada de uma coisa que não existiu; deformada porque muitas vezes ela pode omitir ou aumentar algum aspecto; e anacrônica por não se utilizar o tempo, como uma cronologia – as lembranças simplesmente vêm à tona.

As memórias preservadas estão relacionadas às tradições e aos valores culturais que unem os grupos que possuem identidades e interesses em comum. Logo, é crucial tomarmos as memórias como uma fonte a ser explorada pela história, por meio de registros de depoimentos ou da coleta de entrevistas.

Referências

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru: EDUSC, 2004.

CAPELOTTO, Narciso. *Cambira*. Cambira: Governo do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura, 1998.

CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. *Lendas e contos populares do Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura; Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. il. São Paulo: Global, 2002.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003. p. 525-539.

LUZ, France. Maringá: A fase de implantação. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Org.). *Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional*. Maringá: EDUEM, 1999. p.123-140.

PELEGRINI, Sandra C. A.; DELMONICO, Renato. Patrimônio e apropriação popular na arquitetura modernista residencial de Maringá. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4, 2009, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM/PPH/DHI, 2009. v. 1. p. 4.314-4.323. 1 CD.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004. p. 296-313.

PRIORE, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Iberoamericano: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Ed Carlos da. *Entre o maravilhoso e o fantástico: a Vila de Alto Palmital-PR e suas crenças*. 223 p. Dissertação (Mestrado em História) – UEM, Maringá, PR, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

TOMAZI, Nelson Dacio. *Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

WILLIS, Roy (Coord.). *Mitologias*. Trad. Thais Costa e Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2007.

Fontes orais

MIRANDA, Simone Aparecida. [out. 2009]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Cambira, 22 out. 2009. 30 min.

SILVA, Reginaldo Verri. [out. 2009]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Cambira, 22 out. 2009. 45 min.

SILVA, Wilson Bráuzio da. [out. 2009]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Cambira, 8 out. 2009. 25 min.

SILVA, Wilson Melo da. [out. 2009]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Cambira, 2 out. 2009. 40 min.

Resumo: Crenças, contos e histórias sobrenaturais permeiam o imaginário popular no norte do Paraná. Neste artigo, pretende-se tecer algumas considerações sobre o processo de instituição de lendas na cidade de Cambira, no Paraná. A abordagem adotada visa compreender o universo fantástico de lendas e mitos que ocupam o imaginário popular da região, dentre eles, o do Corpo Seco da cidade de Cambira. O núcleo documental deste artigo reúne dois tipos de fontes: narrativas orais (entrevistas e depoimentos) e discursos imagéticos, cujas análises estão embasadas, principalmente, nas proposições de Alessandro Portelli (2004) e Peter Burke (2004).

Palavras-chave: imaginário popular, história regional, catolicismo popular.

Subjects' beliefs and perception: the Dry Body of Cambira, Brazil

Abstract: Supernatural beliefs, tales and stories pervade popular imagery in the northern area of the Brazilian state of Paraná. This article makes some considerations about the process of establishment of folk tales in the town of Cambira. The approach adopted here aims to understand the fantastic universe of tales and myths that occupy local popular imagery such as the Dry Body of Cambira. The documentary basis for this article includes two types of sources: oral narratives (interviews and testimonies) and image discourses whose analyses are based mainly on Alessandro Portelli's (2004) and Peter Burke's (2004) propositions.

Keywords: popular imagery, regional history, popular Catholicism.

Recebido em 13/02/2017

Aprovado em 11/05/2017